mac
PARANÁ

insólitos

GUIA PARA EDUCADORES

Conheça o MAC-PR

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC Paraná) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencentes ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC Paraná está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON) e na Sala Adalice Araújo, no hall da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura.

As exposições e eventos do MAC Paraná ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.

Índice

Como utilizar este material 04

O que é Arte Contemporânea? 06

Texto curatorial 07

Artistas..... 09

Atividades 29

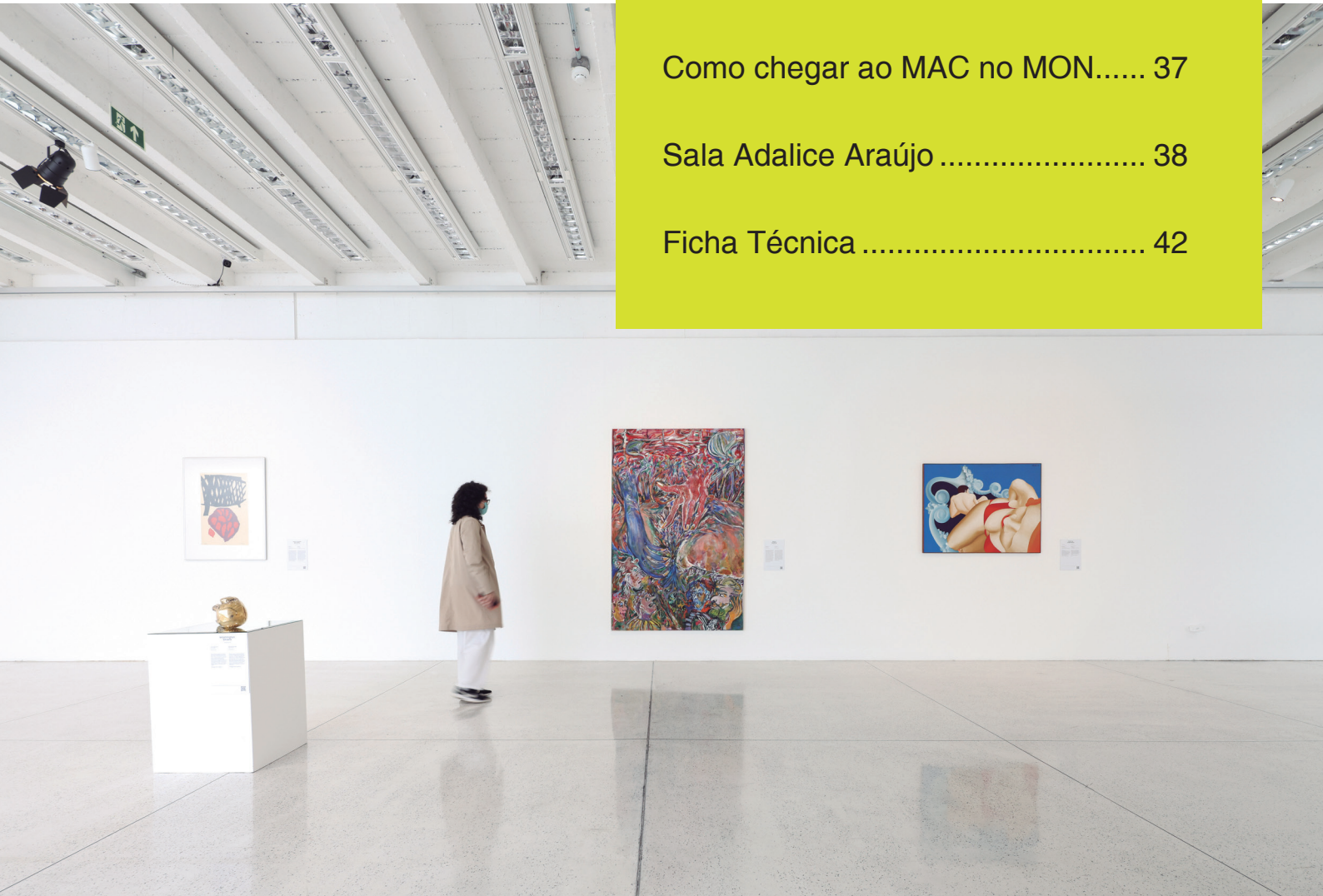
Glossário 33

Ocupe o MAC Paraná 36

Como chegar ao MAC no MON..... 37

Sala Adalice Araújo 38

Ficha Técnica 42



O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educadora e educador, a realizar um trabalho completo com sua turma sobre a visita ao museu.

Como utilizar este material

Aqui estão reunidas informações sobre a exposição “Insólitos”, algumas sugestões de como introduzir sua turma à experiência e ainda alguns caminhos para retomar em sala de aula temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa da turma. Nossa intenção é oferecer tópicos de discussão, sugestões pré e pós-visita para estimular o processo de aprendizagem, encorajar o diálogo e despertar o pensamento artístico e crítico em seus alunos.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe à professora e ao professor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com outras matérias e conteúdos trabalhados anteriormente.

Desse modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas podem ser acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um remix deste material!

O que é Arte Contemporânea?

Em seu sentido mais simples e direto, o termo arte contemporânea se refere às expressões artísticas (ou seja, pintura, escultura, fotografia, instalação, performance, vídeo arte, etc.) produzidas nos tempos atuais. Embora essa definição aparentemente seja simples, os detalhes em torno dela são muitas vezes confusos, pois as interpretações de "atual" variam bastante. Portanto, o ponto de partida exato desse gênero ainda é muito debatido. No entanto, alguns historiadores da arte consideram o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Pop Art (ARCHER, 1997) como uma estimativa adequada para o início do período chamado de Arte Contemporânea.

Analisando as produções desse período, podemos observar que a Arte Contemporânea reflete nas suas produções as questões complexas que moldam nosso mundo, que está sempre passando por inúmeras mudanças, tanto sociais quanto políticas. Por meio de seu trabalho, muitos artistas contemporâneos exploram a identidade pessoal ou cultural, oferecem críticas às estruturas sociais e institucionais, ou mesmo tentam redefinir o conceito de arte. Neste processo, geralmente são levantadas questões complexas e instigantes, que raramente apresentam respostas fáceis. Ter curiosidade, mente aberta e compromisso com o diálogo e o debate são as melhores ferramentas para você abordar a Arte Contemporânea!

Quais são as principais características da arte contemporânea?

- Experimentação com novos materiais, suportes e estilos;
- Aproximação com a cultura popular;
- Questionamentos sobre os conceitos do que pode ser arte;
- Influência do cotidiano nas obras.

Quais movimentos artísticos ela engloba?

Como vimos anteriormente, por vivermos em um mundo globalizado e onde a troca de informações ocorre a todo o momento, diferentes movimentos foram surgindo dentro do período chamado de Arte Contemporânea, inicialmente como experimentações, mas que acabaram evoluindo e se tornando um movimento próprio. Abaixo, apresentamos uma lista de alguns desses movimentos, que podem ser encontrados dentro do museu:

- Arte Conceitual
- Arte Digital
- Arte Povera
- Arte Urbana
- Body Art
- Fotografia
- Hiper-realismo
- Instalação
- Performance
- Pop Art

Insólitos

Inaugurando o Clube de Colecionadores do MAC-PR, Insólitos apresenta ao público uma série de múltiplos inéditos ou revisitados por cinco artistas convidados, além de outras obras que contextualizam a sua produção. Somos conduzidos a percorrer distintas trajetórias e repertórios, mas que juntos revisitam o modo como compreendemos nosso entorno. Insólito é tudo aquilo que não é habitual. Trata-se do incomum, anormal, infrequente. Muitas vezes, para melhor vislumbrar a realidade, é preciso produzir nela alguma diferença, um desvio de padrão, um distanciamento que nos leva a observar as situações a partir de outro ponto de vista. Orientados por essa perspectiva, os artistas reunidos aqui possuem a profícua capacidade de estranhar as coisas, deslocá-las de seus usos e protocolos, revisitar seu sentido no mundo.

Mano Penalva debruça-se sobre materiais e utensílios presentes nos mercados populares, nos afazeres domésticos e na vida cotidiana. O que o artista faz é despertar tal vocabulário de seu uso corrente a partir de rearranjos, acúmulos, contrastes, pequenos deslocamentos de sentido. Washington Silveira exibe esculturas que são fruto de uma íntima conexão entre um saber artesanal e os procedimentos de cunho surrealista. Diante delas, desconfiamos de que estamos dentro de um sonho. Daniel Acosta, ao transitar entre os léxicos da arquitetura e do design, amplia e descontextualiza formas migradas de referentes históricos, nos fazendo enxergá-las já descoladas de suas narrativas originais. Tony Camargo explora as possibilidades da pintura no campo expandido. Suas FOTO-PLANOPINTURAS são caracterizadas por superfícies limpas e densas, com amplo domínio de cores e signos que configuram jogos de luminosidade e movimento. Sua lição é a de que a pintura está em todo lugar. Ainda no plano pictórico, Maya Weishof nos apresenta uma multiplicidade de personagens desconhecidos dotados de corpos deformados e inusitados. Suas composições também são delirantes, e não constituem uma narrativa única e linear. Ao contrário, pois nos fazem emergir em fragmentos entre a sedução e a repulsa.

Junto a eles, optamos também por estabelecer diálogos e vizinhanças com importantes obras históricas dos anos 1960 e 1970 do acervo do MAC-PR. Sabe-se que aqueles anos presenciaram uma radical experimentação no campo artístico, expandindo conceitos, categorias e possibilidades da arte frente à esfera pública e ao seu contexto sociopolítico. No Brasil, trata-se de duas décadas fundamentais para a emergência de uma produção cultural que lançou algumas das questões que permeiam até hoje a arte contemporânea. António Manuel, Cybele Varela, Henrique Fuhro, Pietrina Checcacci, Vera Chaves Barcellos, Solange Escosteguy e Ubi Bava apresentam aqui uma variedade de preocupações que pautam aqueles anos. Há, em alguns deles, a forte presença da Nova Figuração a partir da assimilação de imagens e mensagens da comunicação e indústria de massa, o uso de técnicas simplificadas e materiais pré-produzidos, o emprego de poucas e saturadas cores e o compromisso com eventos e acontecimentos políticos. Noutros, é possível ver um alargamento da perspectiva concretista, já despojada de dogmas e mais voltada à exploração dos efeitos óticos e seus recursos cinéticos (Ubi Bava) ou à expansão e ampliação dos suportes (Solange Escosteguy).

Além disso, não é incomum notar que o discurso crítico sobre o presente no Brasil faça constantes referências ao passado, especialmente àqueles anos, no plano político e cultural. Fala-se de similaridades históricas, buscando nos eventos de outrora a gênese de traumas não elaborados, que agora ressurgem como o "retorno do recalcado", segundo uma perspectiva freudiana. Mas se naquela altura acreditava-se no Brasil como "país do futuro", voltado para a ideia de progresso, hoje o otimismo está mais baixo, e abdica-se da promessa histórica pela realidade pós-utópica. Narrativas apocalípticas nos soam mais próximas. A história não era mesmo linear, afinal. Parece ser preciso dançar com o tempo em espiral, e é no meio dessa delicada perspectiva que buscamos confrontar obras históricas e contemporâneas; aproximar os ecos do passado dos sussurros do presente partindo da compreensão de que ser contemporâneo não implica limitar-se a um presentismo encerrado no aqui e agora. Walter Benjamin nos ensina que a contemporaneidade é uma co-temporalidade, uma concordância de tempos múltiplos. O ontem, afinal, está sempre em disputa.

Em suma, são obras que desafiam estruturas convencionais de enunciado e representação, procurando expandir nossos modos de escrever o mundo e a nós mesmos. Se não é possível existir fora da linguagem, é através dela que sofisticamos uma imaginação que permite organizar o real, testar modos de viver e sonhar coletivamente, ontem e hoje.

Pollyana Quintella

Ubi Bava

Nasceu em 1915, em Santos, SP.
Faleceu em 1988, em São Paulo, SP.
Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, formando-se em arquitetura em 1939 e pintura em 1940, no Rio de Janeiro.

VOCÊ A CORES

"Ubi Bava pode ser considerado um precursor e um pioneiro de certo tipo de pintura que tem nos efeitos óticos e nos recursos cinéticos sua razão maior de ser. Introduzindo em suas superfícies espelhos, ao mesmo tempo introduz, no cerne mesmo de sua obra, a imagem refletida do espectador. Também fez uso de tubos de plástico e de movimentos mecanicamente produzidos, subordinando todos esses elementos a uma evidente vontade construtivista. Em certo momento de sua evolução, o que produzia tinha certo parentesco com o concretismo (...)"

LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.

Tony Camargo

Nasceu em 1979, em Paula Freitas, PR.
Estudou Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná.
Vive e trabalha em Curitiba, PR.

GRAMPO DE ANTÔNIO KA

“A obra foi criada em 2003, numa série de imagens com ações intituladas ‘Situações de Física Simples para Grandes Projeções de Energia’. Com forte referência em artistas como Joseph Beuys, Tunga e o islandês Sigurdur Gudmundsson, a série é formada por imagens fotográficas ‘encenadas’ pelo próprio artista que sugerem ou ‘desenham’ metáforas visuais com ênfase numa espécie de simplicidade de motivo. A obra ‘Grampo de Antônio Ka’, que esteve no Panorama da Arte Brasileira, no MAM SP, em 2005, foi basilar para a pesquisa e o início da extensa série com ações fotográficas intitulada ‘Fotomódulos’ que continua sendo desenvolvida e produzida até hoje.”

Tony Camargo, abril/2022

FOTOPLANOPINTURAS – FLORES

“Busco nesses trabalhos ‘reencarnar’ vistas. O modo é ‘não-pintar’, mas apenas deixar o que vejo repousar em ‘espelhos esféricos’ pós-usados para ‘refabricar’ pictoricamente a vista, ‘dentro’ de um aparelho, que ‘como pintura’, acontece fora de si mesmo, ‘mentindo refletir’ a superfície do mundo, sem negar porém o corpo que o sustenta. À textura corpórea, ‘real’, cabe, a seu contrário, ‘reafixar’ a pele do plano bidimensional do quadro por lembrança, ao passo que o registro de uma ocorrência é ‘foto-anexado’ como sugestão de volume, num desdizer ‘ritmo-cromático’ que faz o aparelho funcionar à base de contrassenso pictórico. Talvez o sentido desses objetos, como arte, está na vontade de recombinar compactando, imagens ou ‘lugares narrativos’, em sustentáculos que consigam existir com integridade oniricamente disfarçados de pintura.”

Tony Camargo, abril/2022

Daniel Acosta

Nasceu em 1965, em Rio Grande, RS.
Estudou desenho e artes plásticas, com habilitação em escultura, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
Vive e trabalha em Pelotas, RS.

SÉRIE PAISAGEM COMBINATÓRIA VERTICAL

“A questão da paisagem aparece como possibilidade de discussão sobre a relação entre natureza e cultura, entre orgânico e industrial (artificial), entre representação e invenção. O uso da fórmica cortada a laser adicionou uma qualidade muito especial a esse material, em comparação ao modo como era trabalhado no passado. A ênfase na verticalidade da paisagem, a partir de referências diretas às paisagens japonesas, contrasta radicalmente com a horizontalidade predominante nas paisagens da arte ocidental. Se nessas o ponto de fuga da perspectiva indica a profundidade, nas paisagens japonesas, onde não existe o recurso da perspectiva, o espaço vertical é organizado em um sistema de divisão em faixas horizontais. Nos trabalhos a sobreposição dos elementos ornamentais sintéticos, que cruzam da direita para a esquerda e vice-versa, criam um dinamismo por contraposição. A vibração das cores seduz o olhar.”

Daniel Acosta, abril/2022

VISAGE///DISPOSITIVO PARA O ONÍRICO

“‘Visage’ é a pulsação da palavra laranja sobre o tecido preto. Vibrando, expandindo, indo e voltando como um portal do olhar. Entre as imagens do lado de fora do corpo e as imagens dentro do corpo. Máscara do sono, máscara do sonho, do onírico. Apaga a luz ambiente e liga o espaço sem gravidade dos sonhos. E não importa se sonhamos de dia ou de noite, sonhamos sempre no breu luminoso do oco cérebro. ‘Visage’ é sobre a luz fora e dentro do corpo. Mas qual luz ilumina as visagens do onírico? Quando ‘vemos’ os sonhos? Quando sonhamos ou quando lembramos o sonhado? De imediato? Quando acordamos? Nos sonhos não existe conexão entre a vontade de ação e a consequência dessa vontade. Estamos à mercê. Nos sonhos, o passado como memória e o futuro como antecipação são coincidentes. ‘Visage’ é aparição, é vislumbre.”

Daniel Acosta, abril/2022

Mano Penalva

Nasceu em 1987, em Salvador, BH.
Estudou Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Vive e trabalha em São Paulo, SP.

NAMORADEIRA, TRAMAS

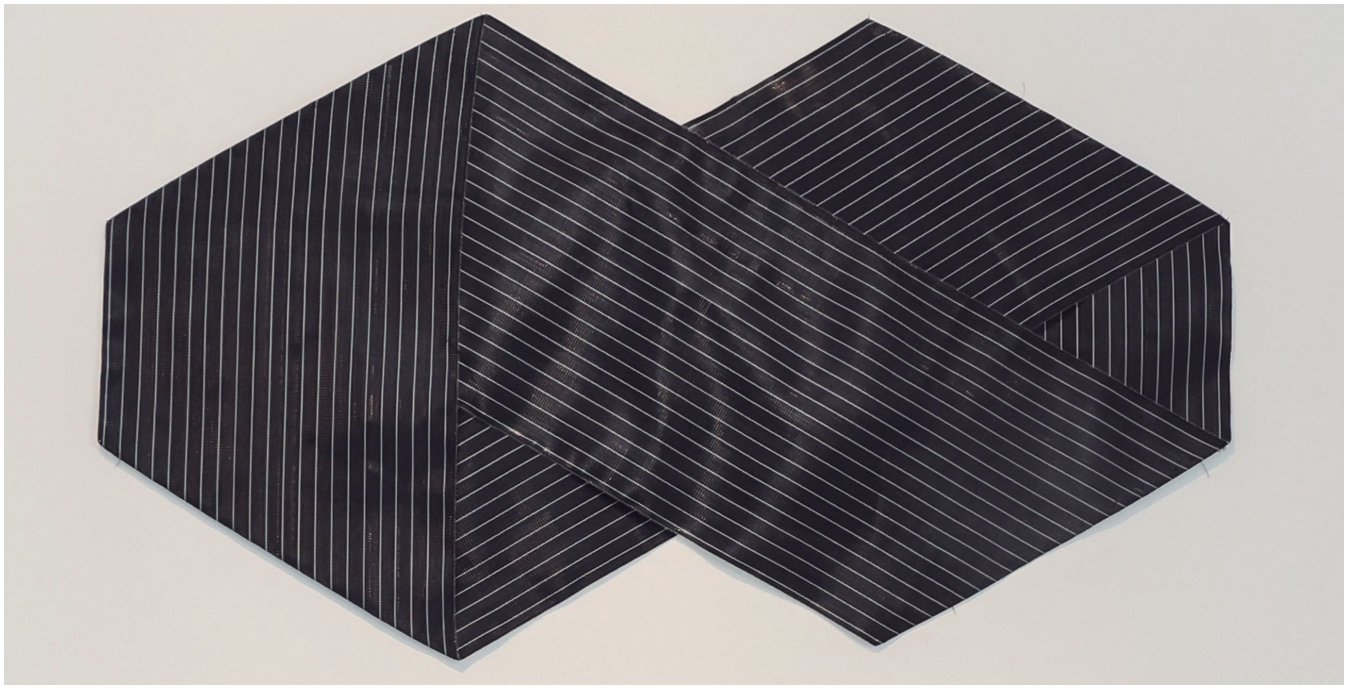
“Duas cadeiras estilo espreguiçadeira com estrutura em madeira são unidas por uma única faixa de nylon. Nesse encontro fica a sugestão para o encontro dos corpos frente a frente. Na história, a partir do século XVII, os pequenos sofás ou bancos para duas pessoas passam a habitar as casas, e era onde casais podiam se encontrar na vista da família. Na namoradeira proposta, a vista é coletiva e pode ocupar o espaço privado, mas também o público.”

(Mano Penalva, abril/2022)

SEM TÍTULO, SÉRIE: SAMBA

“O trabalho da série ‘Samba’ aqui exposto é feito a partir de dobras de uma única faixa de nylon, formado por linhas pretas e brancas. O movimento que ganha a peça sugere um símbolo de infinito, como se as linhas aqui fizessem parte de um circuito. A desenvoltura do gênero musical encontra a estruturação do movimento que promove geometrias mais impessoais a partir de quebras e sobreposição de camadas.

Mano Penalva, abril/2022



FORRÓ

“Desempenadeiras de tamanhos similares, instrumentos utilizados na construção civil para alisar o reboco, são unidas sugerindo o gesto circular para tal feito. A sobra ou parte aparente do encontro das bases é revestida por placas de espelho. O liso esperado, não é tão liso, mas imagem refletida de quem as vê. O nome do trabalho refere-se ao gênero musical e à dança, que geralmente se dá em pares em posição de abraço, usando contato corporal.”

(Mano Penalva, abril/2022)

UNIDADE V, SÉRIE MÓDULO

“A Unidade V da série Módulo é pensada a partir da combinação do preto com o branco, onde 5 módulos, retângulos de lona vinilica recheados de manta acrílica, sobem as paredes e são fixados por ilhoses que ajudam a tencionar a forma na parede. Forma que pode ser vista com um quadrado preto sobre a parede branca quando consideramos apenas módulos pretos, ou um retângulo, quando consideramos a forma completa acolchoada”

(Mano Penalva, abril/2022)

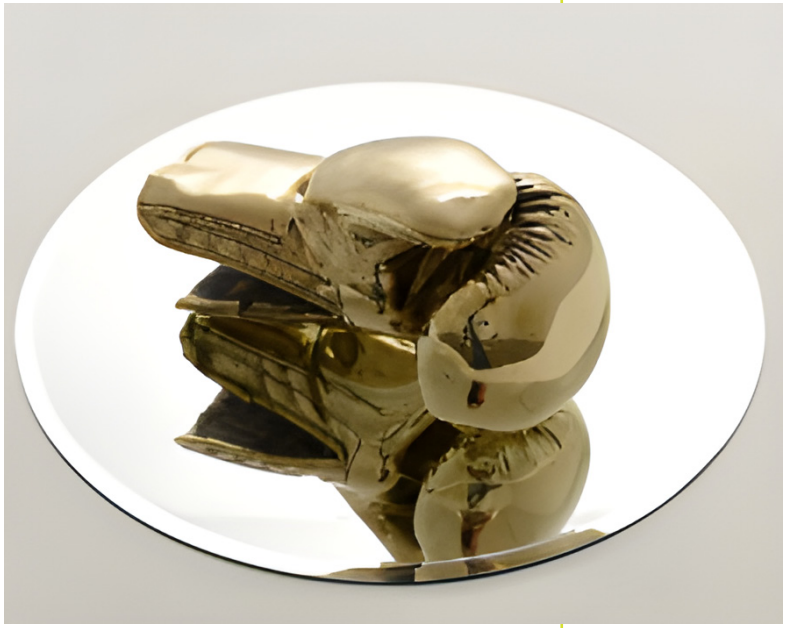
Washington Silvera

Nasceu em 1969, em Curitiba, PR.
Estudou na UFPR mas concluiu sua formação de forma autodidata.
Vive e trabalha em Curitiba, PR.

OBJETO PARA PERFORMANCE

"Quando fiz 'Objeto para performance', queria algo prático. Chegar em um lugar pré-marcado com dois jogadores de xadrez e montar o tabuleiro como quem monta uma mesa de camping: praticidade, velocidade e logística. Depois de conhecido o vencedor, a desmontagem e o plano para montar outra vez em outro lugar, com novos jogadores e quem sabe um novo público, talvez até fazer um campeonato. Assim surgiu 'Objeto para performance' para jogadores com tempo expandido e com habilidades para repensar as estratégias de jogo."

(Washington Silvera, abril/2022



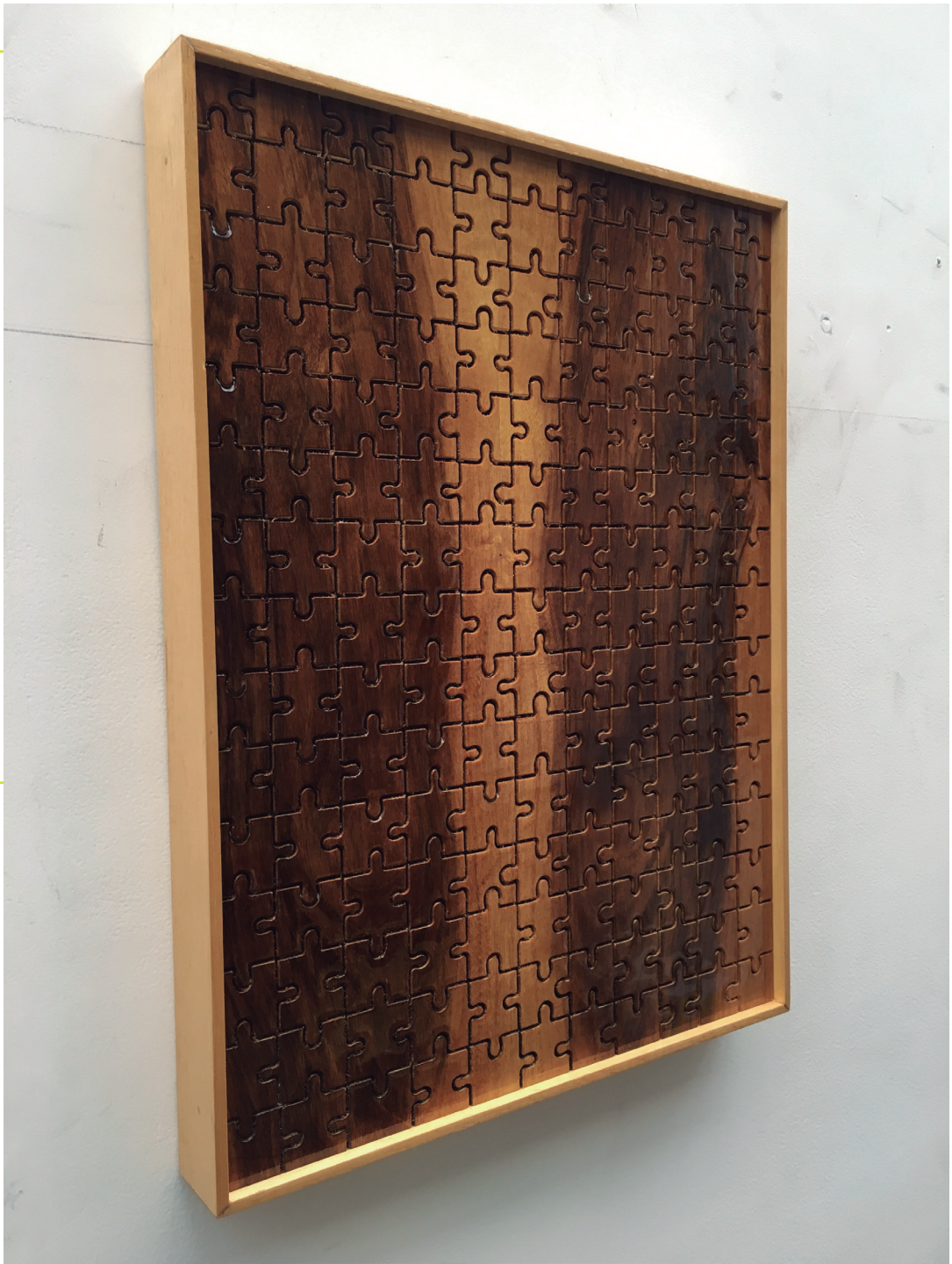
LUVA E ESPELHO

"Essa peça trata das substâncias dos materiais, gosto da poética hercúlea de uma luva ser de bronze, clássico material tridimensional. Outro ponto é seu peso, contradizendo a óbvia função de ser leve. Quando essa peça foi feita, programei-me para fazer as mãos direita e esquerda. Mas por um destino 'Borgeano' a mão direita foi furtada na fundição onde a escultura foi produzida. Foi então que resolvi apresentar a que sobrou com um espelho (objeto 'Borgeano' também) ampliando em outro plano a peça furtada."

(Washington Silvera, abril/2022)

PUZZLE ORGÂNICO

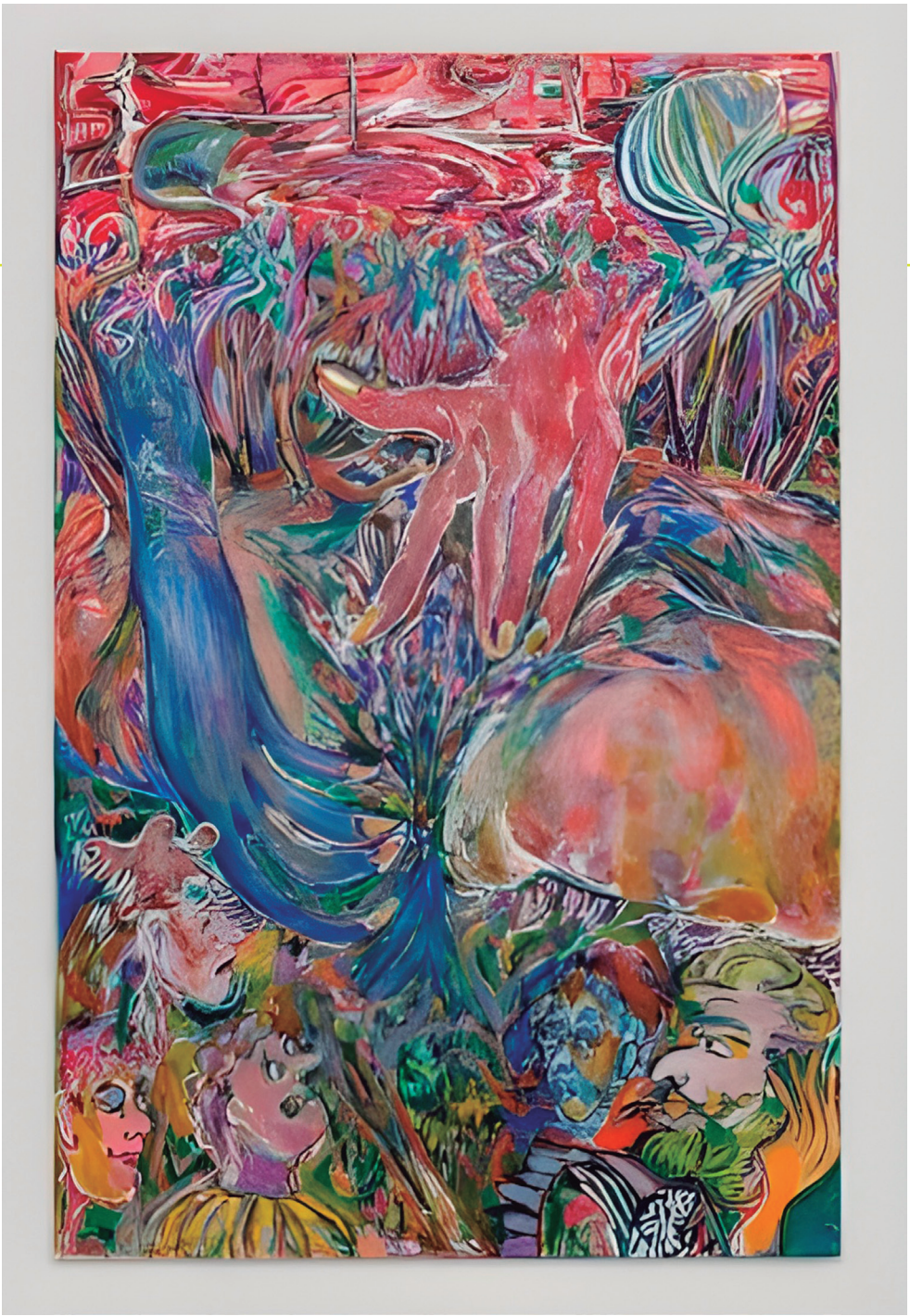
“Quanto tempo eu demoraria para montar um quebra-cabeças com uma forma orgânica? Certamente poderia utilizar as técnicas dos que montam paisagens com nuvens mas a empreitada seria mais absurda, pois o que estou montando é tempo, são as estações do ano que a árvore passou, os anos distintos, chuvas e tempos de seca que essas peças passaram… E ao constatar isso penso no absurdo de que cada puzzle dessa série de 20 unidades, por mais que tenham as mesmas quantidades de peças e desenhos, são poeticamente diferentes e únicos entre si.” (Washington Silvera, abril/2022)



Maya Weishof

Nasceu em 1993, em Curitiba, PR.
Estudou Artes Visuais na Universidade Federal do Paraná.
Vive e trabalha em Curitiba, PR.

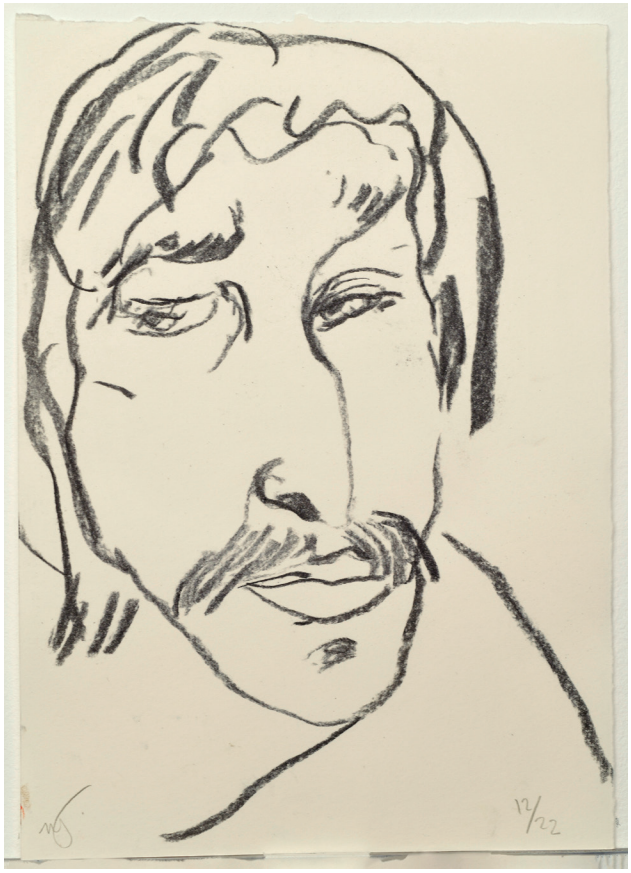
NOITE ESTRELADA, 2021

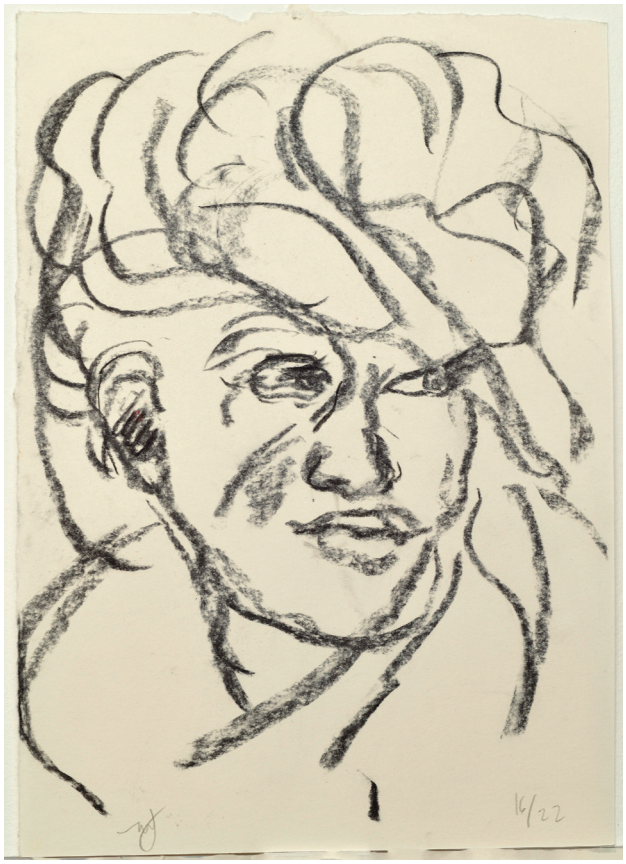


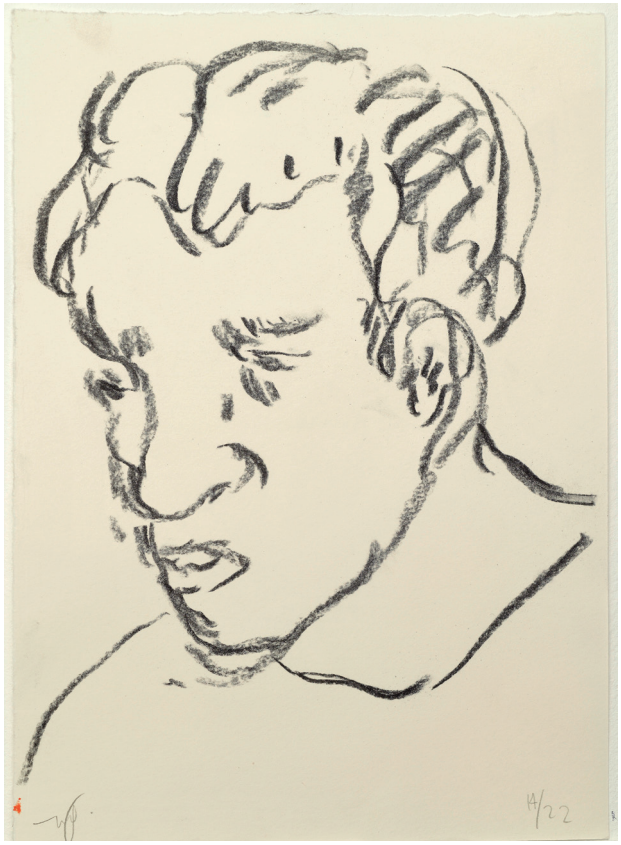
CABEÇAS, 2022

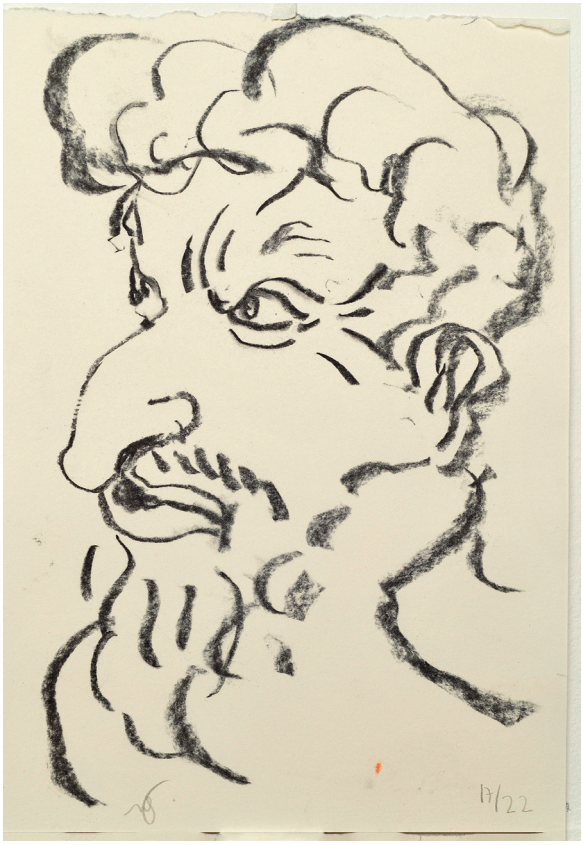
“Tenho um fascínio por imagens antigas no geral. Parece que sempre me encanto quando tenho uma relação de espelho com essas imagens ou quando eu consigo trazer para o agora. Coleciono muitas imagens e muitas vezes faço um processo de não pesquisar exatamente o que é para não me contaminar com aquilo, então eu bato o olho num desenho e eu procuro, num primeiro momento, não entrar historicamente de uma forma tão profunda naquilo, e sim, ‘roubar aquele desenho’. A obra ‘Noite Estrelada’ surgiu de uma imagem de um antigo atlas português dos anos 60 sobre o corpo humano, onde através de um desenho super gráfico o livro ensinava como a mulher pode se autoexaminar. Quando vi esse desenho no livro fiz uma série de outros desenhos que apareciam essa vulva com uma mão, e assim passei a transformar esse contexto trazendo erotismo e humor para uma imagem a princípio asséptica. Eu gosto dessa entrada na pintura primeiro pelo desenho e depois eu vou linkando com outros universos.”

Maya Weishof, abril/2022









Cybèle Varela

Nasceu em 1943, em Petrópolis, RJ.
Estudou pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ.
Vive e trabalha em Roma, Itália.

CINCO MOÇAS PASSEANDO, 1967

“A obra mostra cinco moças passeando de mãos dadas, como se usava um tempo. Elas estão sorrindo, felizes, seguras, e parecem dominar o espaço urbano, vazio. Esse espaço é delimitado pelo grande muro que fecha o horizonte. As grandes faixas de pedestres que atravessam a pintura, e a placa ‘Siga em frente’ na calçada estão ali para representar a ordem, todas as obrigações que incubem sobre as pessoas, tudo aquilo que é imposto pela sociedade nos indivíduos. Essa parte representa o aspecto realista da obra. O imaginário é refletido pela presença de um disco voador que se vê nos fundos, em cima do muro. O disco voador está a observar as moças, ignaras de serem vistas. Sempre gostei de ficção científica, de indagar o que está além do nosso conhecimento direto. Entre as duas realidades existe o território do desconhecido que atravessa nosso quotidiano.” (Cybele Varela/abril de 2022)

Henrique Fuhro

Nasceu em 1938, em Rio Grande, RS.
Faleceu em 2006, Porto Alegre, RS.
Estudou de forma autodidata.

DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS I, 1979

HOLE, 1979

"(...) Aproveitando o sistema ao mesmo tempo atomizador e narrativo das histórias em quadrinhos, bem como a exatidão e o impacto dos elementos da arte publicitária – campo em que profissionalmente tem atuado –, a linguagem que mais caracteriza os últimos anos de gravura e desenho de Fuhro é a do registro quase fotográfico de tipos, objetos e situações que compõe a superfície iconográfica da atualidade. Assim, segundo uma nova figuração que busca a contundência, ele reaviva e redimensiona velhos clichês já anestesiados pelo uso e pela massificação, preocupado em estabelecer ambientes de solidão, inércia, conformismo e isolamento. Seu objetivo está em referir criticamente os processos que levam a essa realidade sem perspectivas, envolta na dormência cotidiana do consumo pelo consumo."

PONTUAL, Roberto. Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois. São Paulo: Collectio, 1973. 401 p. , il. p&b.

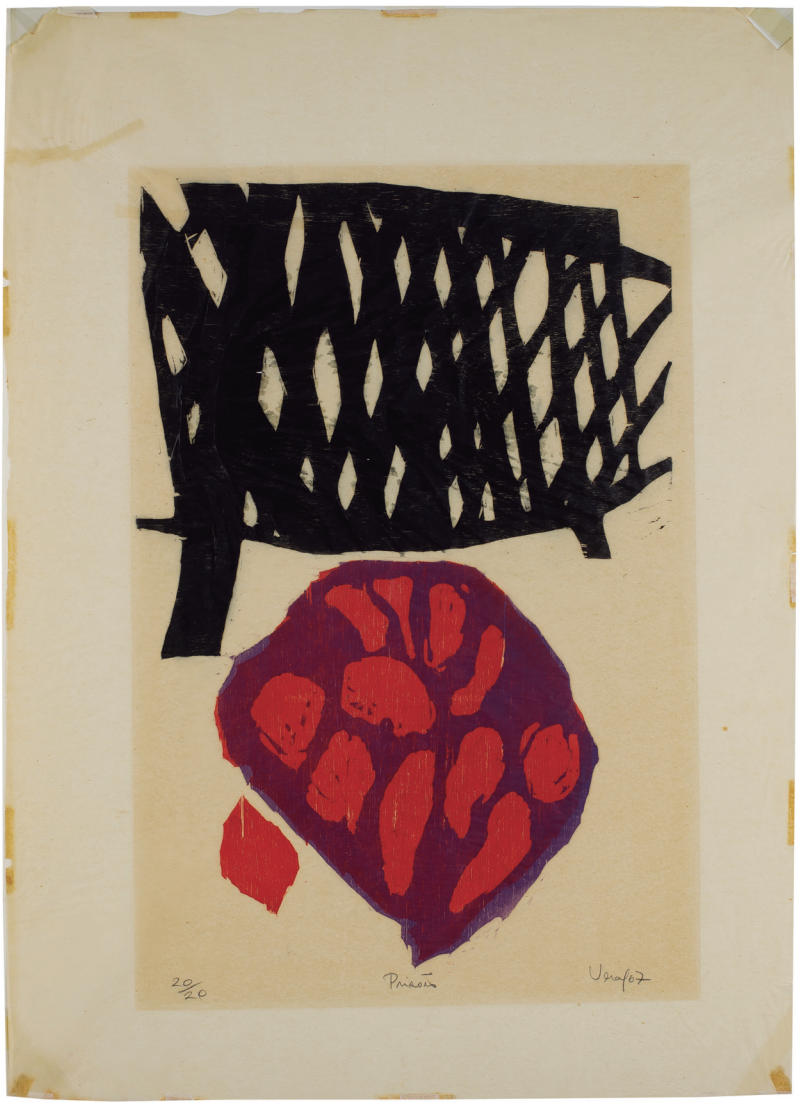
Vera Chaves Barcellos

Nasceu em 1938, em Porto Alegre, RS.
Estudou artes plásticas no Instituto de Belas-Artes, Porto Alegre.
Vive e trabalha em Viamão, RS.

PRISÕES

"Só agora, na distância temporal que nos separa de 1967, posso refletir melhor sobre o significado dessa gravura. Estávamos nessa época nos primeiros anos da ditadura militar, um ano antes do ato institucional que restringiria ainda mais os direitos políticos em nosso país. Creio que esse clima opressor aparece de certa maneira nessa xilogravura em cores, onde vemos uma forma orgânica, simbolizando a vida, e uma grade negra e sombria, como um peso, na parte superior. Essa divisão entre dois ou mais elementos distintos, na procura de um diálogo entre eles, foi uma constante nas gravuras produzidas por mim entre as décadas de 1960 e 70. Eu, embora empregando elementos abstratos, procurava uma simbologia das formas assim como das cores em busca de significados. Esta gravura, de formato médio, é uma dentre a centena de xilos produzidas a partir de 1964 até 1972, época em que atingiriam suas maiores dimensões."

Vera Chaves Barcellos, abril/2022



Pietrina Checcacci

Nasceu em 1941, em Taranto, Itália.
Estudou na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), do Rio de Janeiro.
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.

JOÃO AMAVA MARIA, 1969

"João e Maria é uma pintura que pertence aos meus primeiros anos. O tema 'Ser Humano' foi e é meu único foco: social, sensual, erótico, visto através de uma lente grandângular, apolíneo, filho da terra, ele próprio terra, no universo, como planeta ou asteroide, na vida e na morte. Meu único parâmetro de existência e arte. Coerência, honestidade à minha vocação, muito trabalho de corpo, alma e cérebro: eis minha viagem 'pop'."

Pietrina Checcacci, fevereiro/2020

Solange Escosteguy

Nasceu em 1945, em Porto Alegre, RS.
Autodidata, desde 1964, trabalha simultaneamente com objetos, esculturas, pinturas e vestidos pintados à mão.
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.

ANTICAIXA 17/74

"1978, vivia em Brasília. Brincava com recortes e sombras em madeira pintada. O relevo me levava à mesma geometria que sempre foi o fio condutor dos meus trabalhos. Mas, dessa vez, tirava partido dos vazados e da luz que se projetava para dentro e fora do trabalho. As sombras faziam parte e dialogavam com ele. Sempre procurei o equilíbrio ou desequilíbrio através das cores e da forma. O mesmo equilíbrio ou desequilíbrio com que vivemos e dá sentido às nossas vidas, abstrato, instável e sem uma explicação concreta e aparente que induzisse a leitura do objeto.

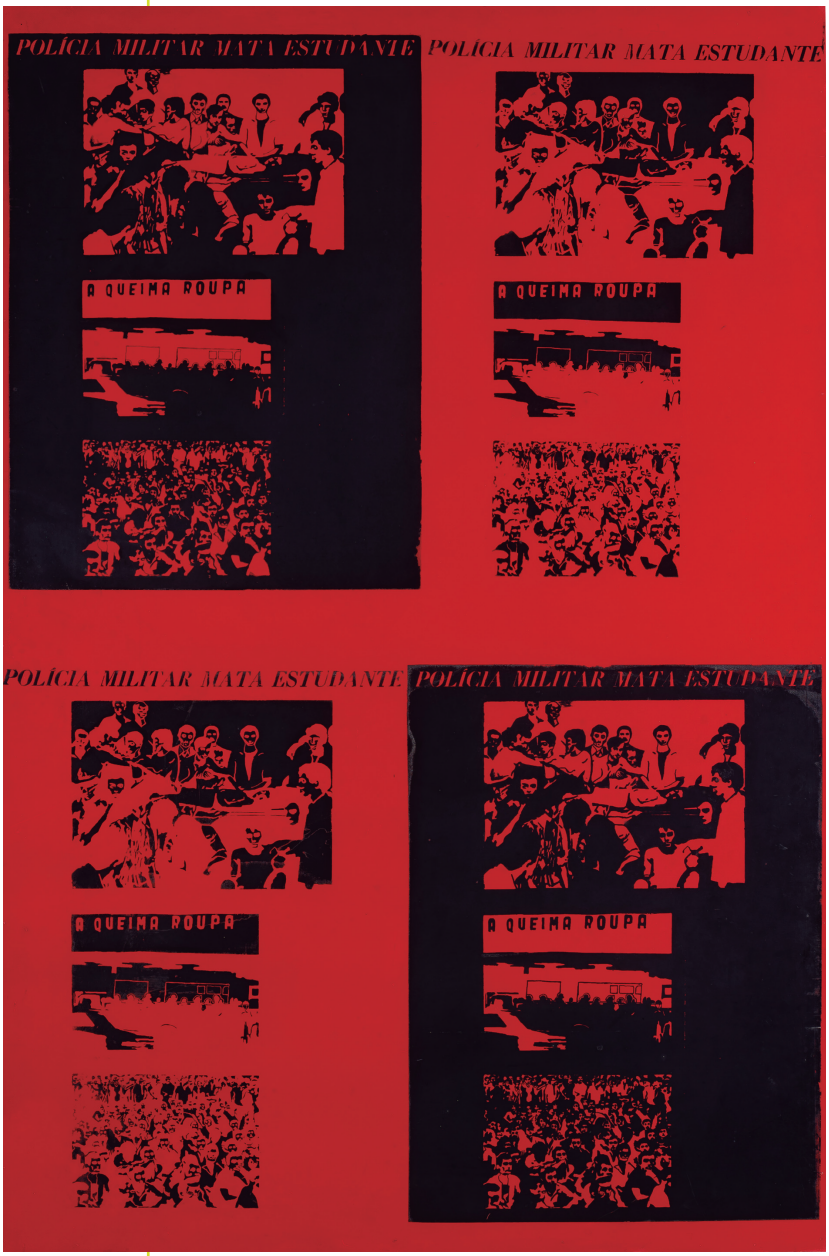
Esse trabalho foi premiado em 1978 na XXXI Exposição de Arte do Estado do Paraná, Curitiba."
(Solange Escosteguy, abril/2022)

António Manuel

Nasceu em 1947, em Avelãs de Caminho, Portugal.
Estudou na Escolinha de Arte do Brasil,
no Rio de Janeiro.
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ.

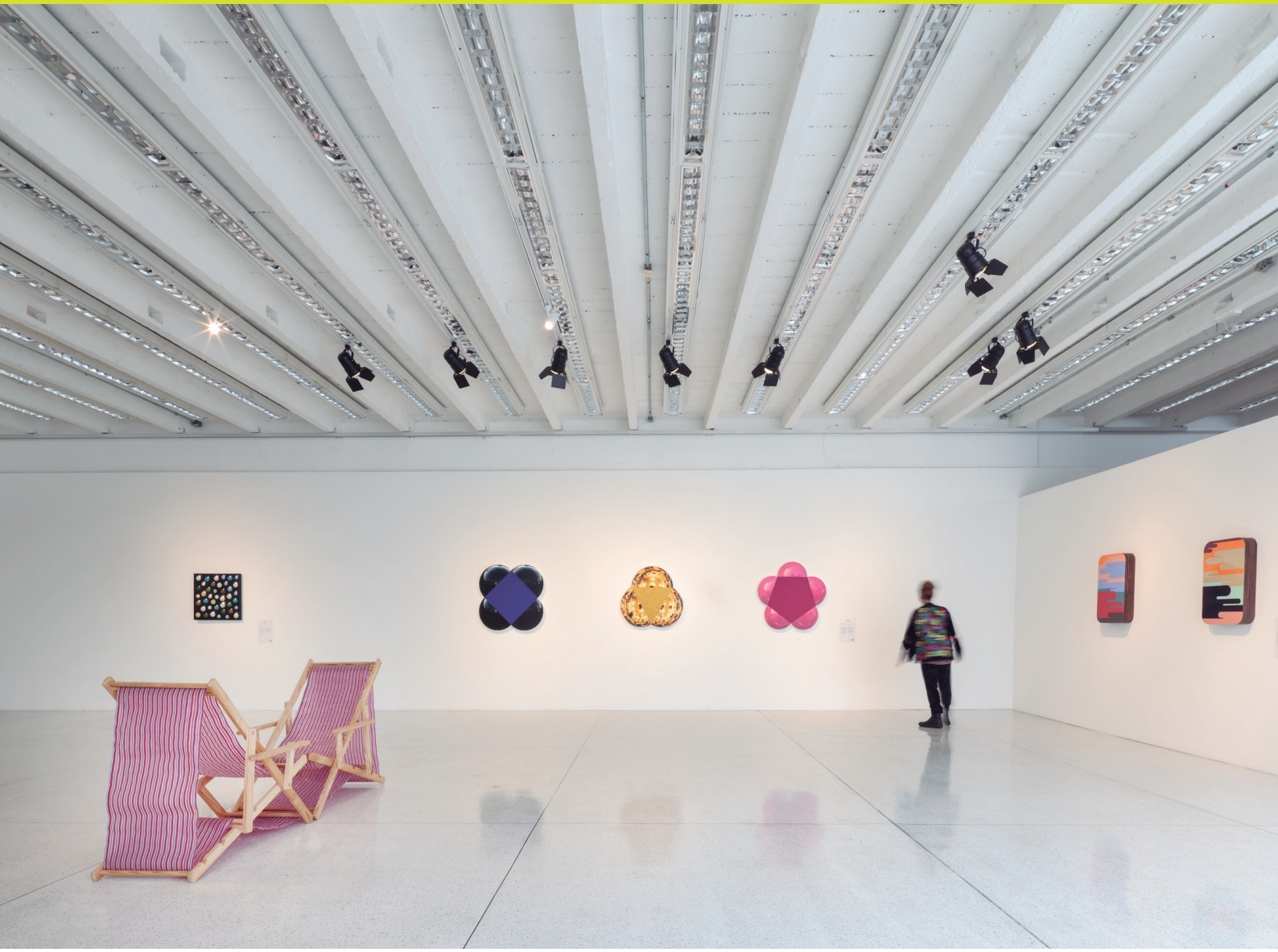
Movimento Estudantil 68

"Inicialmente, utilizava o jornal e sua matriz – o flan – como suporte para seus trabalhos. Realizou interferências e inventou notícias, nas quais aborda temas políticos e discussões estéticas. Criou uma série de jornais abordando temas políticos, como o movimento estudantil de 1968, ou ligados a discussões estéticas e poéticas. Em 1970, propôs o próprio corpo como obra, no Salão de Arte Moderna, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ. A proposta foi recusada pelo júri e, na noite da abertura da exposição, o artista apresentou ao público seu corpo nu. A partir desse momento, seu interesse centrou-se na questão do corpo e seus sentidos. (...) A partir da década de 1980, realizou pinturas de caráter abstrato-geométrico, explorando as ortogonais e a sugestão de labirinto. Com utilização de várias formas de expressão, sua obra traz um caráter de inquietude e de constante reflexão sobre o contexto social e político brasileiro."



ANTONIO Manuel. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa368/antonio-manuel>. Acesso em: 12 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

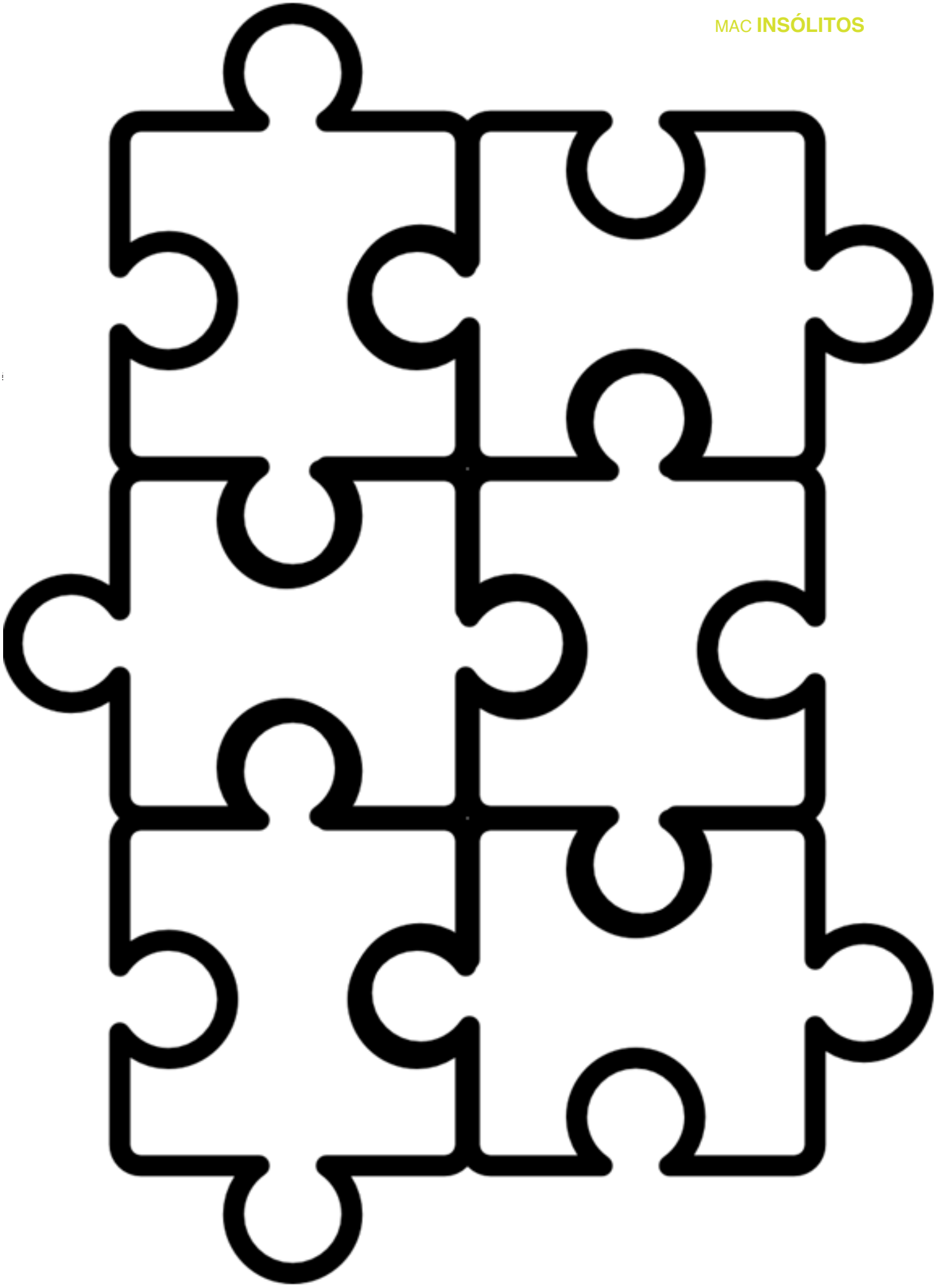
Atividades



PUZZLE ORGÂNICO

Na obra “Puzzle Orgânico”, Washington Silvera apresenta um quebra-cabeças que ilustra as etapas de transformação de uma árvore em decorrência da passagem do tempo. As peças, que possuem diferentes formatos e linhas, trazem de forma orgânica as marcas do percurso pelo qual a madeira passou, criando imagens naturalmente abstratas.

Considerando esses pontos, reflitam sobre as formas de representação e as suas percepções sobre a passagem do tempo, para em seguida ilustrar de forma abstrata o resultado disto em um papel com um quebra-cabeças pré-definido com 06 (seis) peças. Após a execução desta etapa, oriente que os participantes recortem as peças, troquem elas entre si para que em seguida, de forma coletiva, montem um quebra-cabeça, construindo de forma ampla uma imagem que represente o tempo abstratamente.



CIRCUITO

O trabalho “Sem Título”, da série “Samba”, de Mano Penalva, evoca um símbolo de infinito e também uma espécie de percurso, o que nos remete a forma como a artista Lygia Clark propôs em sua performance “Caminhando”, de 1963.

Inspirado nessa performance, recorte uma tira larga de papel, torça-a e cole-a para fazer uma Fita de Moebius. Em seguida, pegue uma tesoura e corte no sentido do comprimento, sem separar a fita em duas partes. Quando você tiver enrolado a fita, escolha entre cortar à direita e cortar à esquerda do corte que você já fez. Essa noção de escolha é decisiva e aí reside o sentido dessa experiência. À medida que a fita é cortada, ela se afina e se desdobra em emaranhados. No final, o caminho é tão estreito que não pode mais ser aberto. O objetivo dessa atividade é quebrar nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso-reverso, etc., nos fazendo experimentar tempo ilimitado e espaço contínuo.

Fita de Moebius: foi criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, em 1858. Fazer uma é muito simples: basta pegar uma tira de papel, girar uma de suas pontas e juntar os dois extremos. Assim, resta uma fita com “apenas um lado”, que é a característica que define a Fita de Moebius.

Link da performance “Caminhando”, de Lygia Clark:
https://www.youtube.com/watch?v=3sP-uT5DQLM&ab_channel=Ita%C3%BACultural

PAISAGENS VERTICAIS

Na sua série “Paisagem Combinatória Vertical”, o artista Daniel Acosta apresenta um contraponto à horizontalidade predominante nas pinturas de paisagens que estamos acostumados a ver no ocidente. Através da verticalidade, característica das paisagens orientais, e os materiais escolhidos, Daniel trabalha as relações entre o natural e o cultural, o orgânico e o industrial e a representação e a invenção, o que resulta em uma abstração fluida do que compreendemos como paisagem.

Levando em conta essa quebra de expectativa criada pelo trabalho do artista, proponha que a turma busque algumas imagens de paisagens horizontais (revistas, jornais, internet, fotografias dos próprios alunos, etc.) para serem utilizadas como modelo. Mantendo o foco nos pontos principais da paisagem, proponha que os alunos produzam, com papel colorido, uma colagem abstrata verticalizando as paisagens escolhidas.

REFLEXOS

Dentro da exposição “Insólitos”, temos obras que trabalham de formas muito diferente a ideia de reflexo. Podemos observar as obras de Mano Penalva e as fotoplanopinturas de Tony Camargo como exemplos visuais de reflexo, e as obras de Antonio Manuel e de Maya Weishof como exemplos mais conceituais dessa ideia.

A partir disso, separe a turma em duplas e forneça a cada uma delas um espelho revestido com um plástico transparente, como, por exemplo, o acetato. Proponha que um dos alunos da dupla faça seu autorretrato sobre a transparência, usando um marcador permanente, e, quando terminar, passe ao colega para que ele encaixe o desenho no seu rosto / reflexo, de forma que simule filtros de aplicativos de fotografia. Posteriormente, o segundo participante realiza o mesmo procedimento, fazendo também seu autorretrato em cor diferente, com a intenção de sobrepor os dois desenhos.

DISPOSITIVO PARA O ONÍRICO

Em sua obra “Visage”, o artista Daniel Acosta nos convida a pensar sobre o campo dos sonhos, sobre as ideias e ações que temos dentro deles e como interagimos com eles, temas muito comuns também no movimento surrealista. Pensando nos sonhos, proponha que os alunos se façam as seguintes perguntas:

Você se lembra dos sonhos que tem?

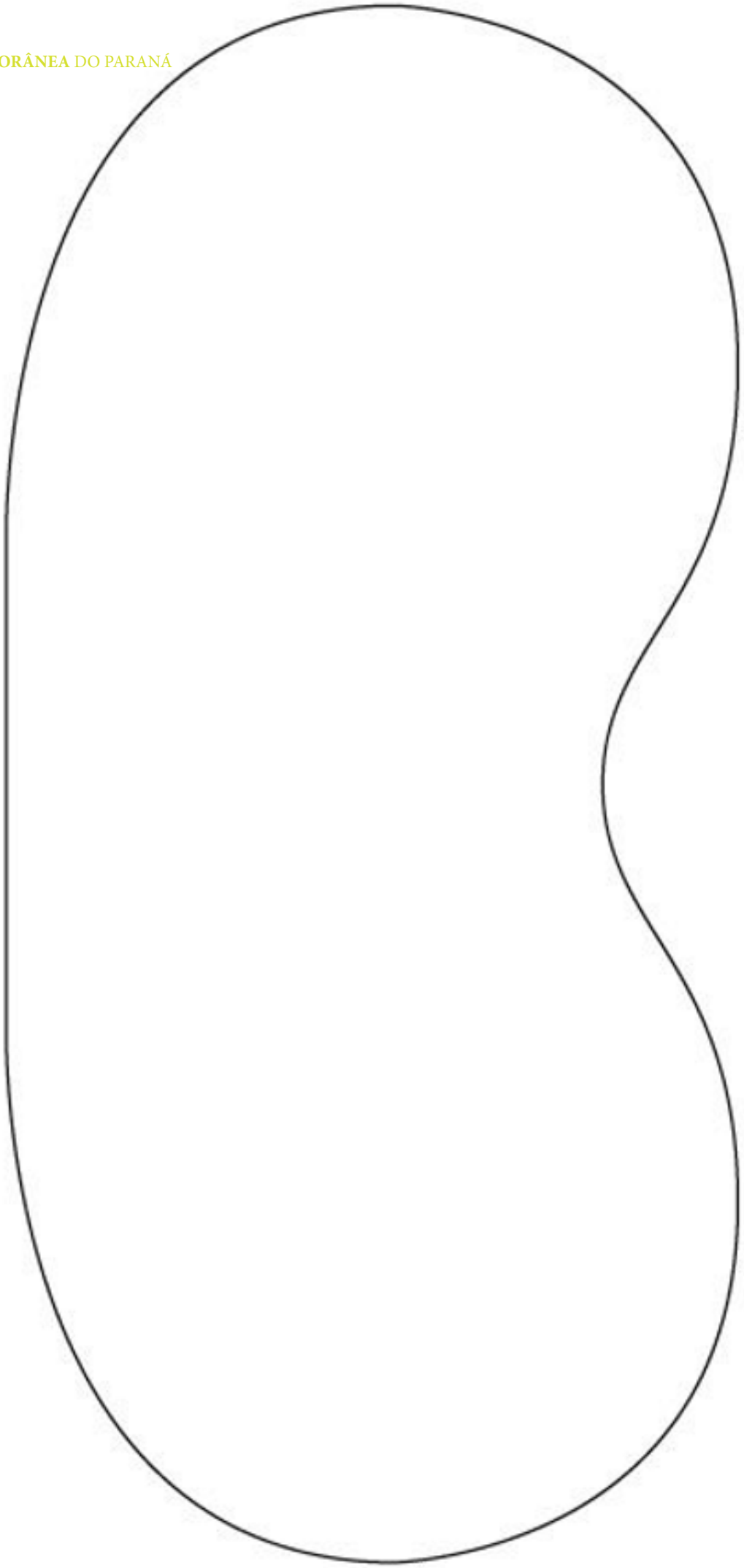
São sonhos bons ou ruins?

Eles refletem algo que aconteceu na vida real?

O que você sentiu durante seus sonhos e quando parou para lembrar deles?

A ideia atrás dessas perguntas é provocar os alunos a entenderem melhor a natureza dos sonhos, a fantasia muitas vezes desconexa que mistura as sensações e os sentimentos que experimentamos no nosso dia a dia.

Partindo das perguntas, proponha ao seu grupo que utilize o molde de máscara fornecido e produza seu próprio “dispositivo para o onírico” e o usem como uma ferramenta para se conectar ao mundo dos sonhos, lembrando das respostas que deram para as perguntas e em como eles podem expressar isto visualmente. Deixe-os livres para escolher a técnica que eles sintam que melhor conversam com os pensamentos e lembranças que tiveram.



Glossário

Borgeano
Relativo ao poeta, ensaísta e escritor de contos argentino Jorge Luís Borges (1899-1986), ou à sua obra. É considerado uma das maiores expressões literárias de seu país.

Insólito
O que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal.

Múltiplo
Termo que é utilizado, principalmente a partir da década de 1960, para designar trabalhos artísticos que, sem serem gravuras ou esculturas moldadas, são concebidos com o intuito de serem reproduzidos em grande ou, às vezes, ilimitado número de cópias.

Onírico
O que diz respeito a ou tem o caráter, a natureza dos sonhos.

Visage
Do francês, significa rosto.

Clube de Colecionadores

O Clube de Colecionadores do MAC Paraná tem como proposta fortalecer o acervo do museu e formar novos colecionadores, incentivando a produção dos artistas e os colecionadores a adquirirem obras que se destacam no cenário artístico atual.

A primeira edição tem curadoria de Pollyanna Quintella e conta com trabalhos dos cinco artistas que produziram para essa edição obras exclusivas com tiragem de 20 múltiplos.

A cada edição, uma nova curadoria convidará artistas a desenvolver trabalhos múltiplos pensados para a ocasião. As escolhas dos artistas participantes de “Insólitos” são pensadas a partir do lançamento do clube, já que a mostra é resultado direto da criação do projeto, além de marcar o lançamento oficial da Associação de Amigos do MAC (AAMAC).

Ocupe o MAC-PR

PARA SUA TURMA

Marque uma visita mediada conosco, através do email ou telefone.

educativomac@seec.pr.gov.br (41) 3323-5265

Ingressos | R$30 e R$15 (meia-entrada)

As instituições públicas de ensino têm isenção do valor do ingresso mediante agendamento com o Setor Educativo do MAC Paraná.

Quartas-feiras são gratuitas para o público em geral. Realizamos visitas mediadas com agendamento prévio.

PARA SUA FORMAÇÃO

O MAC Paraná realiza, em parceria com a Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba, a Permanência em Artes, que acontece a cada dois meses na última quarta-feira do mês. As formações acontecem em dois períodos, e são abertas à comunidade. Fique atento à nossa programação por meio das redes sociais do MAC Paraná!

Siga o MAC-PR

mac.pr.gov.br

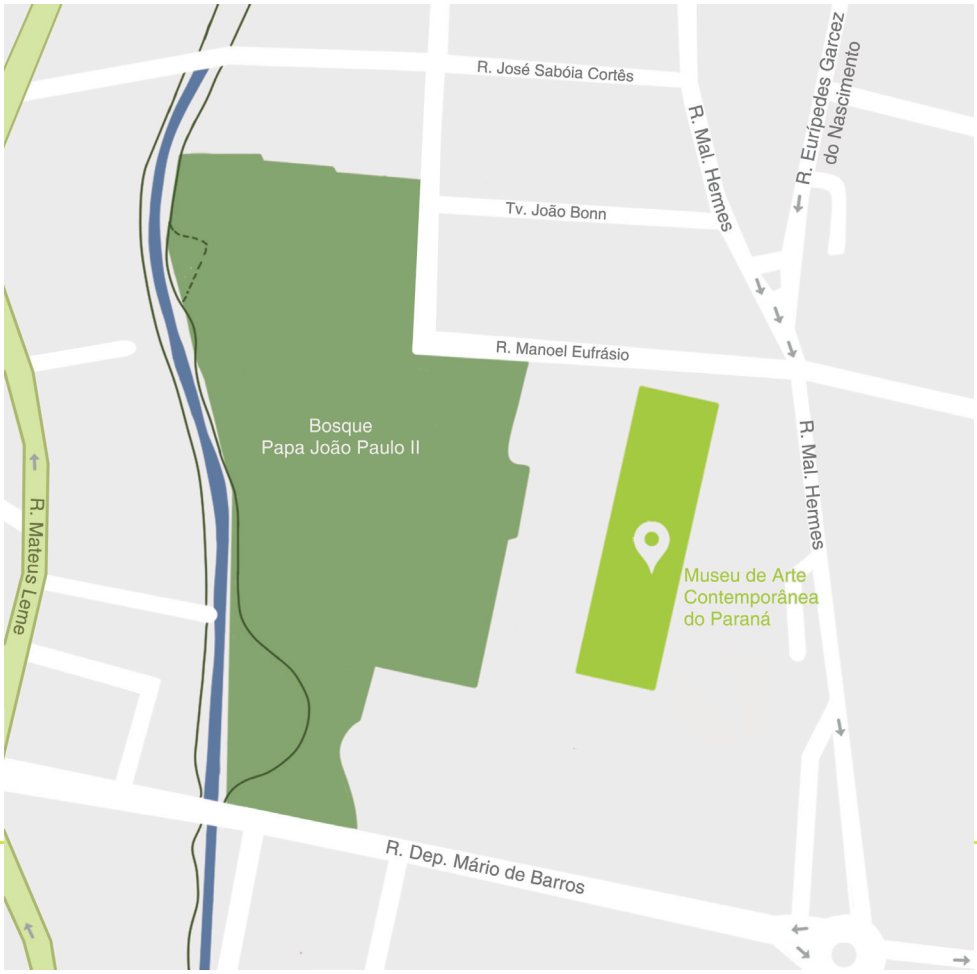
@mac_parana

@macparana

mac_paraná

COMO CHEGAR AO MAC NO MON?

Rua Marechal Hermes, 999 | Centro Cívico, Curitiba | Paraná



LINHAS DE ÔNIBUS COM PONTOS
DE PARADA PRÓXIMOS AO MAC PARANÁ
ESTAÇÃO TUBO (ASSEMBLEIA)

R. Prefeito Rosalvo G. Mello Leitão
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
Inter II (sentido horário)
Boqueirão/Centro Cívico

ESTAÇÃO TUBO (PALÁCIO IGUAÇU)
R. Cândido de Abreu
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
Inter II (sentido anti-horário)
Boqueirão/Centro Cívico

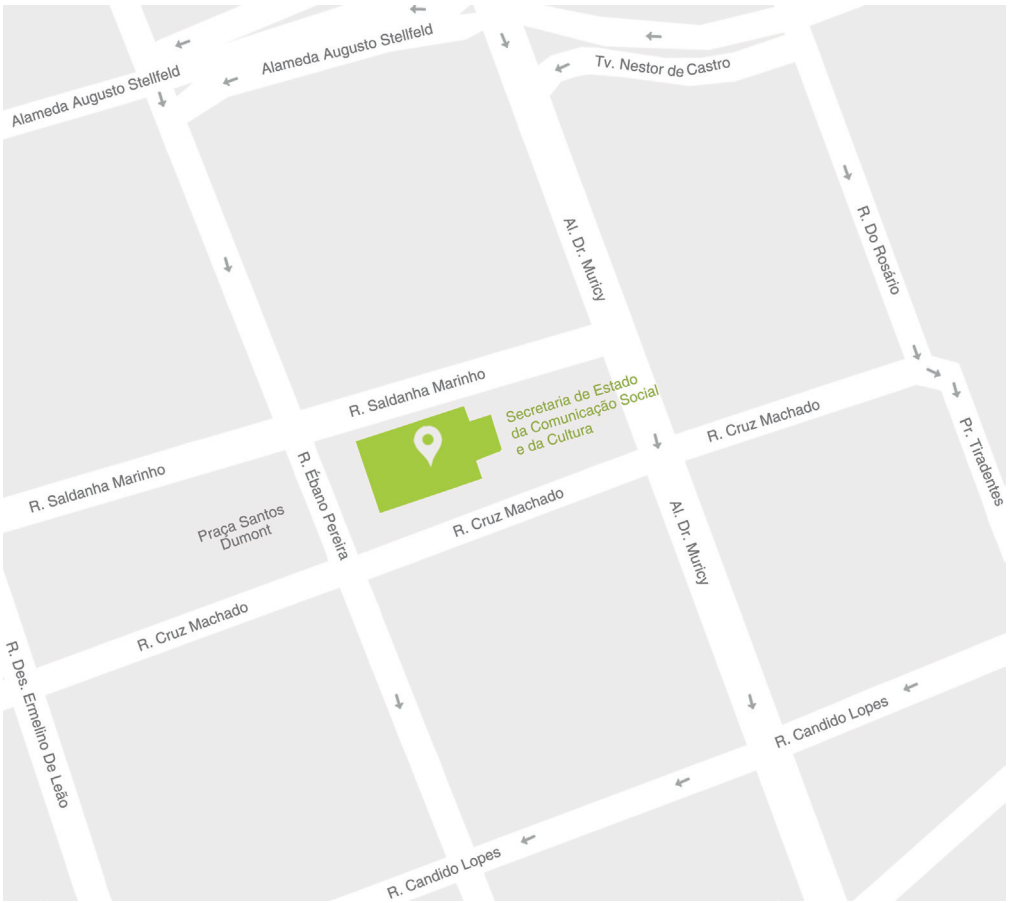
ESTAÇÃO TUBO MUSEU OSCAR NIEMEYER
R. Marechal Hermes
Boqueirão/Centro Cívico

PONTO R. MARECHAL HERMES
R. Marechal Hermes
Ahú/Los Angeles
Marechal Hermes/Santa Efigênia
Interbairros I (sentido horário)

PONTO R. MANOEL EUFRÁSIO
Interbairros I (sentido anti-horário)

LINHA TURISMO
Uma linha de ônibus especial que circula nos principais pontos turísticos de Curitiba, com ponto de parada em frente ao MAC no MON. A Linha Turismo circula a cada 30 minutos, percorrendo aproximadamente 45 km em cerca de 2h30. Para embarcar você compra uma cartela com cinco tíquetes, no valor de R$ 50,00, e tem direito a um embarque e quatro reembarques.
Saídas de terça a domingo, partindo da Praça Tiradentes, das 9h às 17h30, a cada 30 minutos.

SALA ADALICE ARAÚJO



Rua Ébano Pereira, 240 – Centro, Curitiba – Paraná
Situada no hall da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, próximo à Praça Tiradentes.

Os ônibus Marechal Hermes / Santa Efigênia e Ahú / Los Angeles passam próximo ao mac no mon e também próximo à secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura

LINHAS DE ÔNIBUS COM PONTO DE PARADA PRÓXIMA À SALA ADALICE ARAÚJO

Bairro Alto / Santa Felicidade
Santa Felicidade / Praça Tiradentes
Pinhais / Campo Comprido
Mad. Abranches
Cabral / Osório
Ahú / Los Angeles
Nossa Senhora De Nazaré
Itupava / Hospital Militar
Detran / Vicente Machado
Manoel Ribas
Canal Da Música / Vista Alegre
Alcides Munhoz / Jardim Botânico
São Bernardo
Júlio Graf
Cic / Cabral
Colombo / Cic
Mateus Leme
Abranches
Bigorrilho
Savóia
Jd. Esplanada
São Braz

insólitos

Inaugurando o Clube de Colecionadores do MAC-PR, Insólitos apresenta ao público uma série de múltiplos inéditos ou revisitados por cinco artistas convidados, além de outras obras que contextualizam a sua produção. Somos conduzidos a percorrer distintas trajetórias e repertórios, mas que juntos revisitam o modo como compreendemos nosso entorno. Insólito é tudo aquilo que não é habitual. Trata-se do incomum, anormal, infrequente. Muitas vezes, para melhor vislumbrar a realidade, é preciso produzir nela alguma diferença, um desvio de padrão, um distanciamento que nos leva a observar as situações a partir de outro ponto de vista. Orientados por essa perspectiva, os artistas reunidos aqui possuem a profícua capacidade de estranhar as coisas, deslocá-las de seus usos e protocolos, revisitar seu sentido no mundo.

Mano Penalva debruça-se sobre materiais e utensílios presentes nos mercados populares, nos afazeres domésticos e na vida cotidiana. O que o artista faz é despertar tal vocabulário de seu uso corrente a partir de rearranjos, acúmulos, contrastes, pequenos deslocamentos de sentido. Washington Silvera exibe esculturas que são fruto de uma íntima conexão entre um saber artesanal e os procedimentos de cunho surrealista. Diante delas, desconfiamos de que estamos dentro de um sonho. Daniel Acosta, ao transitar entre os léxicos da arquitetura e do design, amplia e descontextualiza formas migradas de referentes históricos, nos fazendo enxergá-las já descoladas de suas narrativas originais. Tony Camargo explora as possibilidades da pintura no campo expandido. Suas FOTOPLANOPINTURAS são caracterizadas por superfícies limpas e densas, com amplo domínio de cores e signos que configuram jogos de luminosidade e movimento. Sua lição é a de que a pintura está em todo lugar. Ainda no plano pictórico, Maya Weishof nos apresenta uma multiplicidade de personagens desconhecidos dotados de corpos deformados e inusitados. Suas composições também são delirantes, e não constituem uma narrativa única e linear. Ao contrário, nos fazem emergir em fragmentos entre a sedução e a repulsa.

Junto a eles, optamos também por estabelecer diálogos e vizinhanças com importantes obras históricas dos anos 1960 e 1970 do acervo do MAC-PR. Sabe-se que aqueles anos presenciaram uma radical experimentação no campo artístico, expandindo conceitos, categorias e possibilidades da arte frente à esfera pública e ao seu contexto sociopolítico. No Brasil, trata-se de duas décadas fundamentais para a emergência de uma produção cultural que lançou algumas das questões que permeiam até hoje a arte contemporânea. Antônio Manuel, Cybèle Varela, Henrique Fuhro, Pietrina Checcacci, Vera Chaves Barcellos, Solange Escosteguy e Ubi Bava apresentam aqui uma variedade de preocupações que pautam aqueles anos. Há, em alguns deles, a forte presença da Nova Figuração a partir da assimilação de imagens e mensagens da comunicação e indústria de massa, o uso de técnicas simplificadas e materiais pré-produzidos, o emprego de poucas e saturadas cores e o compromisso com eventos e acontecimentos políticos. Noutros, é possível ver um alargamento da perspectiva concretista, já despojada de dogmas e mais voltada à exploração dos efeitos óticos e seus recursos cinéticos (Ubi Bava) ou à expansão e ampliação dos suportes (Solange Escosteguy).

Além disso, não é incomum notar que o discurso crítico sobre o presente no Brasil faça constantes referências ao passado, especialmente àqueles anos, no plano político e cultural. Fala-se de similaridades históricas, buscando nos eventos de outrora a gênese de traumas não elaborados, que agora ressurgem como o "retorno do recalcado", segundo uma perspectiva freudiana. Mas se naquela altura acreditava-se no Brasil como "país do futuro", voltado para a ideia de progresso, hoje o otimismo está mais baixo, e abdica-se da promessa histórica pela realidade pós-utópica. Narrativas apocalípticas nos soam mais próximas. A história não era mesmo linear, afinal. Parece ser preciso dançar com o tempo em espiral, e é no meio dessa delicada perspectiva que buscamos confrontar obras históricas e contemporâneas; aproximar os ecos do passado dos sussurros do presente partindo da compreensão de que ser contemporâneo não implica limitar-se a um presentismo encerrado no aqui e agora. Walter Benjamin nos ensina que a contemporaneidade é uma cotemporalidade, uma concordância de tempos múltiplos. O ontem, afinal, está sempre em disputa.

Em suma, são obras que desafiam estruturas convencionais de enunciado e representação, procurando expandir nossos modos de escrever o mundo e a nós mesmos. Se não é possível existir fora da linguagem, é através dela que sofisticamos uma imaginação que permite organizar o real, testar modos de viver e sonhar coletivamente, ontem e hoje.

Pollyana Quintella

Período expositivo
2022 05 MAI | 31 JUL

Realização
Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Direção
Ana Rocha

Pesquisa e redação
Setor Educativo MAC-PR
Lucia Venturin de Matos
Gilmar Luiz Kaufmann Junior
Igor Oliveira Borges
Laísla Milena Oliveira Silva
Thais Cristina Wroblewski

Fotografia
André Nacli
Daniel Acosta
Daniel Katz
Kraw Penas
Mano Penalva
Rafale Dabul
Tony Camargo

Revisão
Alessandro Manoel

Design Gráfico
Raquel Dzierva
Maria Eduarda Dunker

APOIO
Museu Oscar Niemeyer

REALIZAÇÃO
mac MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ